

**FORMAÇÃO CONTINUADA EM LÍNGUA PORTUGUESA**  
**ROTEIRO DE ATIVIDADES**

9º ANO

4º BIMESTRE

**AUTORIA**

**SIMONE ROCHA FERNANDES**

**Rio de Janeiro**

**2012**

## TEXTO GERADOR I

Originalmente em 1719 no Reino Unido. Confessional e didático, o livro conta a história de Robinson Crusóé, um jovem marinheiro inglês, que um dia decide seguir seu caminho e parte para uma aventura sem avisar ninguém. Então, embarca em um navio passando por várias aventuras até que certo dia, como castigo do destino, seu navio é pego por uma tempestade e naufraga. Toda a tripulação morre, exceto o jovem Crusóé, encalhado em uma ilha do Caribe. Ele tem duas escolhas: se deixar levar pelo mar ou lutar pela vida.

**Primeiras viagem** – Capítulo inicial, do romance *Robinson Crusóé*. Neste fragmento conhecemos o espírito aventureiro e destemido de Robinson Crusóé.

### PRIMEIRAS VIAGENS

*Nasci no ano de 1632, filho de um comerciante pacato e próspero do interior da Inglaterra e de uma mulher cuja família tinha bastante prestígio no condado de York. Meus pais tiveram cinco filhos, duas mulheres e três homens sendo eu o mais jovem dos homens. Papai e mamãe ardentemente gostariam que eu estudasse Direito. Contava então 18 anos quando eles muito insistiram para que me matriculasse numa boa escola. Mas meu espírito era irrequieto! Sonhava obsessivamente com grandes viagens, e por mais lágrimas que mamãe chorasse ou conselhos que meu pai me desse, não os ouvia. No fundo da alma, esse anseio por aventuras nunca desaparecia. Certo dia, um amigo mais ou menos de minha idade perguntou-me se gostaria de acompanhá-lo a Londres. A viagem seria por mar, pois o seu pai era o comandante de um navio. Sequer me despedi de meus pais ou pedi conselhos a Deus. Embarquei com o colega. Era o dia 1º de setembro de 1651. Mal nos afastamos do porto, começou um temporal. Acho que nunca uma manifestação da natureza tanto se assemelhou aos sentimentos de um jovem! Meus remorsos foram terríveis, imaginei ver a mão de Deus naqueles trovões, por causa da partida sem o consentimento familiar. Fiz promessas solenes! Jurei a Deus que voltaria para casa, arrumaria uma boa esposa, faria o curso de Direito, tudo prometido naquela única noite de desespero... Porém no dia seguinte o tempo melhorou e o sol nasceu radiante. Cinco dias de viagem com bonança me fizeram esquecer completamente das boas intenções. No oitavo dia, porém, houve outro vendaval. Dessa vez,*

*até o comandante exclamou: — Deus meu, tenha misericórdia! Então percebi que estava realmente perdido. Fiquei aterrorizado; eram ondas enormes, os marinheiros corriam de lá e cá, gritando que um navio à nossa frente acabara de naufragar. Tão assustado fiquei, que me refugiei na cabine e dali não saí o dia inteiro. Ao anoitecer, a tempestade continuava. Apesar de todos os esforços do comandante e da tripulação, o porão contava com mais de um metro de água. Só nos restava rezar. Quando tudo parecia perdido, porém, surgiu uma galeria mais leve, que conseguiria entrar num rio, empurrada pelo temporal. Foi o tempo de sermos recolhidos por ela, para vermos nosso navio devorado pelas águas. O povo de Yarmouth, cidade próxima de onde desembarcamos, recolheu os náufragos. Dormi pesadamente e no dia seguinte examinei minha situação com bastante cuidado. O mar era perigoso e o mais sensato seria retornar ao lar, onde seria recebido como um filho pródigo. Mas havia uma estranha obstinação a me empurrar para a aventura. Os nossos anfitriões na cidade nos deram algum dinheiro e assim eu poderia ter retornado; preferi seguir viagem até Londres. Conversei com o pai do meu amigo e lhe expus meus planos de ser marinheiro. Ele me ouviu com atenção e disse: — Rapaz, você nunca mais deveria voltar a embarcar. Isso que aconteceu é bem um aviso dos Céus de que o seu destino não é ser marujo. — Mas o senhor enfrentou a tempestade e pretende continuar navegando! — protestei. — Comigo é diferente, porque essa é minha profissão, é meu dever. Mas como você fez essa viagem por experiência, já provou na própria pele que seu destino é outro. Teimoso como era aos 18 anos, também não ouvi os conselhos do pai de meu amigo. Separei-me deles e segui para Londres. Nunca mais os vi. Em Londres, tive a sorte de encontrar um comandante de navio que fizera bons negócios na Guiné e pretendia retornar ao país africano. Ele me propôs sociedade. Parti no navio do comandante. Essa foi a melhor viagem que fiz. Posso mesmo dizer que foi a única em que a fortuna me ajudou, pois, graças aos conselhos do comandante e a sua honestidade comercial, regressei a Londres com mais de dois quilogramas de ouro em pó, que vendi por quase 300 libras esterlinas. Íamos realizar outra viagem quando inesperadamente meu amigo comandante faleceu. Deixei 200 libras da minha recém-adquirida fortuna com a viúva do comandante, para que ela aplicasse o dinheiro, e parti no mesmo navio, desta vez, capitaneado pelo imediato.*

## VOCABULÁRIO

**Pródigo:** aquele que, à imitação da parábola do Evangelho, volta à casa dos pais depois de longa ausência.

**Anfitriões:** Aqueles que custeiam os gastos da refeição, que recebe convivas à sua mesa; aquele que hospeda pessoas de suas relações; dono.

## ATIVIDADES RELACIONADAS À LEITURA.

### QUESTÃO 1

Quando lemos uma história, nem sempre conhecemos o significado de todas as palavras utilizadas pelo autor. Porém, através do processo de inferência, podemos buscar através do próprio contexto informações que nos permitem identificar o significado de palavras.

Assim sendo, observe a palavra destacada na passagem a seguir, e através das informações fornecidas no contexto, indique o seu significado. Em seguida, construa uma oração em que a referida palavra apresente o mesmo sentido expresso no texto gerador.

*“Mas meu espírito era irrequieto! Sonhava obsessivamente com grandes viagens (...)”.*

### Habilidade trabalhada

*Inferir significado através dos subsídios fornecidos pelo contexto.*

### Resposta comentada

**Irrequieto:** muito vivo, revoltado, que não para nunca.

O trabalho com textos nos faz deparar com palavras e expressões desconhecidas, que não fazem parte de um vocabulário cotidiano utilizado pelos alunos. Nesta situação, propõe-se a utilização das informações cedidas pelo contexto, através do processo de interpretação, a fim de identificar o significado da palavra, e assim construir um novo período em que a palavra tenha sentido idêntico ao reconhecido no texto gerador.

## QUESTÃO 2

As figuras de linguagem consistem no emprego de palavras fora do sentido literal, isto é, a atribuição de um sentido próprio a palavras ou expressões, a fim de dar ênfase ao contexto.

Em: “(...) *Rapaz, você nunca mais deveria voltar a embarcar. Isso que aconteceu é bem um **aviso dos céus** de que seu destino não é ser marujo.*”

- a) A expressão em destaque representa uma figura de linguagem denominada \_\_\_\_\_.
- b) Justifique a resposta anterior, utilizando o conceito da figura de linguagem identificada.

### Habilidade trabalhada

*Reconhecer as figuras de linguagem.*

### Resposta comentada

Espera-se que o aluno identifique a metáfora contida no termo grifado, relacionando em sua justificativa o conceito de exemplificação contido na referida figura de linguagem.

## TEXTO GERADOR II

Neste fragmento, Robinson Crusóé sofre o naufrágio, no qual é o único sobrevivente, apesar de todas as dificuldades Crusóé chega a uma ilha e lá fica por 28 anos. Solitário e passando por todo sofrimento por que passa um naufrago, nunca desistiu, lutou e venceu.

## O NAUFRÁGIO

Era medonha a força das águas. O bote acabou virando e nos lançando todos ao mar. Uma onda violentíssima me engolfou e, enquanto tentava desesperadamente voltar à tona, percebi que a marola havia me aproximado da terra. Usando de todas as minhas forças, nadei

na sua direção, antes que outra onda pudesse me afastar da costa. Nada percebi de meus companheiros, desesperado em salvar a própria vida. Uma outra onda me jogou contra uns rochedos, por pouco não desmaiei. Num esforço supremo, subi nas pedras segurando-me numas ervas e caí de bruços, enquanto o mar rugia atrás de mim. Depois de descansar um pouco, sentei-me e vi onde o navio havia encalhado. Estava tão longe em meio a um temporal tão impressionante, que era quase um milagre ainda se manter intacto. Foi nesse momento que me dei conta do desígnio de estar vivo! A excitação da descoberta de tal modo me alegrou, que corri pela praia, dando vivas e fazendo cambalhotas...só então tive consciência de não ver sinal de meus companheiros. Olhei em todas as direções, nada! Como resposta, o oceano me enviou três chapéus, um gorro e dois sapatos de diferentes pares. A noite se aproximava. Tive medo e acreditei ficar mais protegido se subisse numa árvore. Por sorte, achei uma fonte de água doce ali perto e bebi até me fartar. Mastiguei um pouco de fumo para diminuir a fome e subi na árvore. Era tal o meu cansaço que dormi até o dia seguinte. Quando despertei, a manhã já ia alta. A tempestade tinha passado, o sol era radiante e o mar estava tranquilo. Com grande surpresa (...). O navio estava praticamente cortado ao meio, mas a quilha ficara bem alta, e tudo ali parecia protegido da ação do mar. Estava faminto e minha primeira providência foi correr à despensa; enchi os bolsos de biscoitos e fui devorando-os, enquanto caminhava pelo navio. Encontrei também um cão e dois gatos que viajavam conosco. Alimentei-os também e eles me acompanharam na pesquisa a bordo. No camarote do comandante, achei várias garrafas de rum e tomei um bom trago. Precisava de um bote para levar à terra as coisas que pudessem ser úteis, mas tive de me contentar com uma jangada improvisada. Havia muita madeira solta pelo convés. Eu as uni com uma corda e assim obtive a jangada, reforçada com um dos mastros. Retirei o que tivesse utilidade para um naufrago. Revirei os baús dos marinheiros e esvaziei-os das roupas, colocando ali alimentos como pão, biscoito, queijo, carne defumada e um resto de trigo. Encontrei também vários caixotes de bebidas pertencentes ao comandante e umas vinte e quatro barricas de bebidas alcoólicas, que desci aos poucos até a jangada. Estava tão ocupado nessas tarefas que sequer reparei na subida da maré. Separei algumas roupas e outros objetos que me pareceram indispensáveis, como ferramentas, e me apressei em descer à jangada. Lembrei-me também de que necessitava de armas. Na cabine do comandante achei duas belas pistolas e duas espingardas, alguns potes de pólvora e um saco de balas. Sabia que no navio havia três barris

de pólvora, mas não recordava a sua localização. O tempo era escasso; precisava retornar em segurança à praia com esses meus tesouros. Não tinha certeza de vitória, porque a jangada não possuía mastro ou leme. Confiei na Providência: o vento soprava a meu favor e a ideia de seguir na direção da praia se tornava fixa, mas fui desviado do lugar onde naufragara. Achei dois remos e tentei consertar a direção, mas uma corrente marítima foi me empurrando pela costa. Súbito, a jangada embicou num banco de areia e quase viramos. Assustado, deitei-me de comprido sobre as tábuas e fiquei assim por meia hora, enquanto a maré subia de todo e voltei a flutuar. Agarrei um dos remos e me pus furiosamente a remar, dando impulso na direção da foz de um riacho. Meu remo tocava já o fundo de areia, mas não quis correr riscos. Soltei o cão e os gatos, que nadaram para a praia. Enterrei um dos remos como uma âncora improvisada e esperei a maré baixar, deixando-me, e as minhas preciosidades, a salvo na areia seca.

### QUESTÃO 3

Identifique dentre as alternativas a seguir aquela em que a palavra em destaque sofreu alteração de acordo com Novo Acordo Ortográfico. Em seguida, explique a correção de acordo com as novas regras ortográficas.

- a) “*Só então tive **consciência** de não ver sinal de meus companheiros*”
- b) “*Revirei os **baús** dos marinheiros (...)*”
- c) “*O vento soprava a meu favor e a **idéia** de seguir na direção da praia se tornava fixa, mas fui desviado do lugar onde naufragara.*”
- d) “*Os **desígnios** de Deus são impossíveis de prever!*”.

### Habilidade trabalhada

*Identificar e corrigir dificuldades ortográficas.*

**Resposta comentada**

De acordo com o conteúdo estudado no bimestre, o aluno deve reconhecer o erro na alternativa *c* - justificando sua correção na nova regra: não se acentuam ditongos abertos (ideia).